

# Poemas

Mario Cesariny  
(Traducciones de Miugel Ángel Flores)

A ANTONIN ARTAUD

I

Haverá gente com nomes que lhes caiam bem.  
Não assim eu.  
De cada vez que alguém me chama Mário  
de cada vez que alguém me chama Cesariny  
de cada vez que alguém me chama de Vasconcelos  
sucede em mim uma contracção com os dentes  
Há contra mim uma imposição violenta  
Uma cutilada atroz porque atrozmente desleal.

Como assim Mário como assim Cesariny como  
assim ó meu deus Vasconcelos?  
Porque é que querem fazer com minha altura os pais pelos baptistérios  
para que eu recebesse em plena cara semelhante feixe de estruturas  
tão inqualificáveis quanto inadecuadas  
ao acto em mim sozinho como a vida puro  
eu não sei de voces eu não tenho nas mãos eu vomito eu  
não quero  
Eu nunca aderí às comunidades práticas de pregar com pregos  
as partes mais vulneráveis da matéria

## A ANTONIN ARTAUD

### I

Habrá gente cuyos nombres les sientan bien.  
no es mi caso.

cada vez que alguien me llama Mario  
cada vez que alguien me llama Cesariny  
cada vez que alguien me llama de Vasconcelos  
se me contraen los dientes  
hay contra mi voluntad una imposición violenta  
una cuchillada atroz aunque atrocemente desleal.

 As  como Mario así como Cesariny así  
como oh dios mío de Vasconcelos?  
 Por qué quieren hacer pasar por mi cuerpo  
una caricatura con todos los títulos sucios?  
qué andaban haciendo mis padres cuando era pequeño por los baptisterios  
para que recibiera en plena cara semejante manojo de estructuras  
tan incalificables como inadecuadas  
en un acto m o tan solitario como la vida puro  
no s  de voces no tengo en las manos el v mito yo  
no quiero  
nunca me adher  a las comunes prácticas de predicar con patra as  
las partes m s vulnerables de la materia

Eu estou só neste avanço  
de corpos  
contra corpos  
Inexpiáveis

O meu nome se existe deve existir escrito nalgum lugar “tenebroso e  
cantante” suficientemente glaciado e horrível  
para que seja imposible encontrá-lo  
sem de alguma maneira enveredar pela estrada  
Da Coragem  
porque a este respeito –e creio que digo bem-  
nenhuma garantia de leitura grátis  
Se oferece ao viandante

Por outro lado, se eu tivesse um nome  
Uum nome que me fosse realmente o meu nome  
isso provocaria  
calamidades  
terríveis  
como um tremor de terra  
dentro da pele das coisas  
dos astros  
das coisas  
das fezes  
das coisas

## II

Haverá uma ideia para nomes que não estes  
haverá uma idade para nomes  
puros  
nomes que magnetizem  
constelações  
puras  
que façam irromper nos nervos e nos ossos

Estoy solo en este avance  
de cuerpos  
contra cuerpos  
Inexpiables

Mi nombre si es que existe debe existir escrito en algún lugar “tenebroso y cantante” suficientemente gélido y horrible para que sea imposible encontrarlo si de alguna forma se dirige por el camino  
Del Valor  
porque respecto a esto —y creo que digo bien—  
ninguna garantía de lectura gratuita  
se ofrece al viandante

Por otro lado si tuviera un nombre  
un nombre que fuese realmente mi nombre  
eso provocaría  
calamidades  
terribles  
como un temblor de tierra  
dentro de la piel de las cosas  
de los astros  
de las cosas  
de las heces  
de las cosas

## II

Habrá una edad para nombres pero no éstos  
habrá una edad para nombres  
puros  
nombres que magnetizan  
constelaciones  
puras  
que hagan irrumpir nuestros nervios y nuestros huesos

dos amantes  
inexplicáveis construções radiosas  
prontas a circular entre a fugigem  
de duas bocas  
puras

Ah não será o esperma torrencial diuturno  
nem a loucura dos sábios nem razão de ninguém  
Não será mesmo quem sabe ó único mestre vivo  
o fim da pavorosa dança dos corpos  
onde pontificaste de martelo na mão

Mas haverá uma idade em que serão esquecidos por completo  
os grandes nomes opacos que hoje damos as coisas

Haverá  
um acordar

## PASTELARIA

Afinal o que importa não é a literatura  
nem a crítica de arte nem a câmara escura

Afinal o que importa não é bem o negócio  
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio

Afinal o que importa não é ser novo e galante  
—ele há tanta maneira de compor uma estante!

Afinal o que importa é não ter medo: fechar os olhos frente ao  
precipício  
e cair verticalmente no vício

de los amantes  
inexplicables construcciones radiosas  
listas a circular entre el hollín  
de dos bocas  
puras

Ah no será el esperma torrencial diurno  
ni la locura de los sabios ni la razón de nadie  
No será incluso quién sabe oh el único maestro vivo  
el fin de pavorosos bailes de los cuerpos  
donde pontificaste martillo en mano

Pero habrá una edad en que serán olvidados por completo  
los grandes nombres opacos que hoy damos a las cosas

Habrá  
un despertar

## PASTELERÍA

Al final lo que importa no es la literatura  
ni la crítica de arte ni la cámara oscura

Al final lo que importa no es el buen negocio  
ni tener dinero junto con horas de ocio

Al final lo que importa no es ser joven y galante  
—¡él tiene tantas formas de componer un estante!

Al final lo que importa no es tener miedo: cerrar los ojos frente al  
precipicio  
y caer verticalmente en el vicio

Não é verdade, rapaz? E amanhã há bola  
antes de haver cinema madame blanche e parola

Que afinal o que importa não é haver gente com fome  
porque assi como assi ainda há muita gente que come

Que afinal o que importa é não ter medo  
de chamar o gerente e dizer muito alto ao pé de muita gente:  
Gerente! Este leite está azedo!

Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo  
à saída da pastelaria, e lá fora —ah, lá fora!— rir de tudo

No riso admirável de quem sabe e gosta  
Ter lavados e muitos dentes brancos à mostra

[Vem, Vulva antiquíssima e idêntica]

Vem, Vulva antiquíssima e idêntica  
Vulva Rainha nascida destronada morta  
Vulva igual por dentro ao silencio, Vulva  
Com teus pentelhos lantejoulas rápidas  
No teu Olho franjado de infinito.

Vem mortamente  
Vem pesadamente  
Vem sòzinha, solène, com as mãos caídas,  
Ao teu lado, vem  
E traz as camas longínquias para o pé das uréteras próximas  
Faz da montanha um bloco só do teu corpo  
Funde na regra tua todas as àguas que vejo  
Todos os nervos com que és escura por dentro  
Todas as luzes brancas como noivo e noiva  
E deixa só um mu, e outro mu, e outro  
Na distancia imprecisa e subitamente perturbadora  
Na distancia subitamente impossível de percorrer.

¿No es cierto, muchacho? Y mañana habrá bola  
antes de que haya cine madame blanca y parola

Que al final lo que importa no es que haya gente con hambre  
porque así como así aún hay mucha gente que come

Que al final lo que importa es no tener miedo  
de llamar al gerente y gritarle ante mucha gente:  
¡Gerente! ¡Está leche esta agria!

Que al final lo que importa es poner en alto el cuello del abrigo  
salir de la pastelería, y allá afuera —¡ah allá afuera!— reírse de todo

Con la risa admirable de quien sabe y gusta  
de tener limpios los dientes para mostrarlos

[Ven, Vulva antiquísima e idéntica]

Ven, Vulva antiquísima e idéntica  
Vulva Reina nacida destronada muerta  
Vulva igual por dentro al silencio, Vulva  
Dispuesta con tu vello púbico lentejudo  
En tu Ojo con franjas de infinito.

Ven mortalmente  
Ven pesadamente  
Ven solitaria, solemne, con las manos caídas,  
A tu lado, ven  
Y trae las camas lejanas junto a los uréteres próximos  
Haz de la montaña un bloque sólo de tu cuerpo  
Funde con la razón todas tus aguas que yo veo  
Todos los nervios con que eres oscura por dentro  
Todas las luces blancas como novio y novia  
Y deja sólo un mulo, y otro mulo, y otro  
En la distancia imprecisa y súbitamente perturbadora  
En la distancia súbitamente imposible por recorrer.

Nossa Senhora

Das coisas impossíveis que procuramos em vão  
E que doem por sabermos que só assim as teremos,

No expelo baco do aposento nao nosso, [que no es nuestro]

Madre de Deus das terras infelices

Mater Dolorosa das angústias dos tímidos

Sancta Virgo Virginum das pernas dos prisioneiros

Turris Eburnea dos olhos dos paneleiros

Sancta Dei Genereatrix dos filios das meretrizes

Vem e arranca-me

Do solo de angústia e de inutilidade

Onde vicejo,

Apaña-me do meu pênis, malmequer esquecido,

Folha a folha lê em mim não sei que sina [hado]

E desholha-me para teu agrado,

Para teu agrado silencioso e fresco.

Uma folha de mim lança para o Norte

Onde estão os mares que os Navegadores abriram,

Outra folha de mim tira ao Ocidente

Onde o demónio da acção cobriu tudo

Sem deixar sombra onde eu nasça

Ou possa, sequer, descansar

Reclinando a cabeça em minha própria nação,

E o resto, o resto de mim tira ao Oriente,

Ao Oriente de onde vem tudo, o dia e a fé,

Ao Oriente pomposo e fanático e quente,

Ao oriente excessivo que eu nunca verei,

Ao Oriente budista, bramânico, sintoísta,

Ao Oriente quietudo o que nós não temos,

Que tudo o que nós não somos,

Ao Oriente onde —quem sabe? — Çiva-Parvati talvez realmente viva,

Onde Ardhanarishwar talvez exista realmente e mandando tudo

Nuestra Señora  
De las cosas imposibles que buscamos en vano  
Y que duelen por sabernos que sólo así las tendremos.

En el espejo empañado del aposento nosotros no,  
Madre de Dios de las tierras infelices  
Mater Dolorosa de las angustias de los tímidos  
Sancta Virgo Virginum de las piernas de los prisioneros  
Turris Eburnea de los ojos de los maricones  
Sancta Dei Genectrix de los hijos de las meretrices  
Ven y arráncame  
Del suelo de angustia y de inutilidad  
Donde brillo,  
Tómame del pene, mi malquerido olvidado,  
Hoja a hoja lee en mí no sé qué que destino  
Y deshójame para tu placer,  
Para tu placer silencioso y fresco.  
Una hoja mía arrójala al Norte  
Donde están las ciudades que tanto amé,  
Otra hoja mía arrójala al Sur  
Donde están los mares que los Navegantes abrieron,  
Otra hoja mía arrójala al Occidente  
Donde el demonio de la acción cubrió todo  
Sin dejar sombra donde yo nazca  
O pueda, al menos, descansar  
Reclinando la cabeza en mi propia nación,  
Lo demás, el resto de mí arrójalo al Oriente,  
Al Oriente de donde viene todo, el día y la fe,  
Al Oriente pomposo y fanático y caliente,  
Al Oriente excesivo que nunca veré,  
Al Oriente budista, bramánico, sintoísta,  
Al Oriente todo lo que tenemos,  
Todo lo que no somos,  
Al Oriente donde —¿quién sabe dónde? — Ziva-Parvati tal vez realmente viva,  
Donde Ardhanarishwar tal vez exista realmente y mandando todo...

## ELA CANTA...

Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz, talvez.  
Canta, e roussa. E a sua voz, cheia  
De alegre e anónima liquidez

É branca como um grito de ave  
Num ferro de Alcocer-Kibir,  
E há résteas de luz e de adarve  
No som que ela faz a se vir.

Ouvi-la, alegre e aborrece.  
Na sua voz há recidiva.  
E roussa como se tivesse  
Mais fodas a dar do que a vida.

Ah! Poder ser tu sendo eu!  
Ter a tua alegre limalha  
E todo o outro dela! Ó céu  
Ó campo, ó canção,

O homem pesa tanto e a matriz é tão leve!  
Entra por mim dentro! Tornai  
Meu anus o vosso almocreve!  
Depois, levando-me, passai.

## ELLA CANTA...

Ella canta, pobre segadora,  
Creyéndose feliz, tal vez.  
Canta, y siega. Y su voz, llena  
De alegre y anónima liquidez

Es blanca como un grito de ave  
En un hierro de Alcácer-Kibir,  
Y hay restos de luz y de adarve  
En el sonido que hace al afanarse.

Óyela, alegre y aborrece.  
En su voz hay repetición.  
Y siega como si tuviese  
Más cogidas que dar en la vida.

¡Ah! Poder ser tú siendo yo!  
Tener tus alegres pechos  
Y todo su oro! Oh cielo  
Oh campo, oh canción,

¡El hombre pesa tanto y la matriz es tan leve!  
Entra dentro de mí! Haz de  
Mi ano tu arriero  
Y después, llevándome, vete. •